LISBOA — QUINTA-FEIRA, 4 DE AGOSTO DE 1921

Diario de Lisbôa

ANO 1.º — N.º 103 — 10 CENTAVOS

Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor
JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Oficinas
RUA DO MUNDO, 113, 1.
Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Diboa

ENTRE os dias 15 e 17 do corrente deve regressar a Portugal o sr. dr. Afonso Costa, seguindo directamente do Porto para a Serra da Estrela. No dia 27 assistirá, em Ceia, acompanhado de sua familia, á trasladação dos restos mortais de dois parentes.

***

NO proximo domingo realiza-se o funeral do sr. Fernando de Sousa, o presidente da Camara Municipal do Seixal, há dias assassinado a tiro pelo administrador daquele concelho, sr. Viegas Lata.

***

O SR. Jorge Nunes, presidente da Camara dos Deputados, marcou para segunda feira a interpelação do sr. Pinto da Fonseca ao sr. ministro da guerra, sobre o caso dos oficiais milicianos.

***

OS parlamentares liberais reunem esta noite para apreciar a carta em que o sr. Ferreira da Rocha declarou declinar o cargo de sub-*leader*, na Camara dos Deputados. Nessa reunião um neo-deputado tratará da discutida eleição de Aveiro, tentando defender a sua validade para desse modo prestigiar o sr. dr. Egas Moniz.

***

O GOVERNO vai encontrar sérias dificuldades, no Parlamento, para conseguir que seja aprovado o duodecimo.

***

REGRESSARAM já a quarteis todas as forças da provincia mobilizadas ultimamente para assegurar a ordem.

***

DEVE chegar dentro em breves dias a Lisboa o dr. Euzebio Leão. A proposito relembra-se que o antigo secretario do Directorio do Partido Republicano, que fez a Republica, é dos diplomatas que mais tempo se têm conservado no mesmo posto, por tal sinal que distintamente. Virá o ministro a Lisboa preparar já malas e recheio para a sua instalação em Madrid? Ou virá, pelo contrario, protestar contra a transferencia que lhe é imposta da Via Momentana para a calle Alfonso XII, e que o obriga a trocar, contra seu desejo, a côrte de Roma pela de Madrid?

***

A'S tres horas e cinco, o senado parecia um ataúde. Que silencio! Que parada e morta atmosfera! Chamava-se-lhe antigamente a camara alta. Porquê? Talvez para designar que, para se lá chegar e tomar assento, tem um cidadão de subir até uma idade em que já se não permitem ilusões.

Não foi por ainda as ter que o sr. Benjamim Jeronimo foi vencido pelo sr. Julio Dantas?

***

O DEPUTADO Carlos Olavo, na proxima segunda feira, deve interpelar o ministro da Guerra sobre o caso dos milicianos. —«Tem cuidado, oh Carlos, que o Silveira é general e manhoso!»—disse-lhe alguem. —«Não me importo. Tenho a razão pelo meu lado e como sabes isso dá-me categoria para discutir com um marechal. Acresce que estive na guerra e sou alferes miliciano — o que tira o medo á gente.»

As propostas de finanças

O sr. ministro das Finanças, escrupuloso no cumprimento da sua palavra, apresentou ontem, na Camara dos Deputados, as suas propostas.

Estudá-las-hemos com vagar, abrindo mesmo um largo inquerito, entre os competentes, para que os leitores do *Diario de Lisboa* possam orientar-se num assunto cheio de cardos.

Neste momento, mal as tendo lido ainda, não podemos emitir sobre elas uma opinião segura. Cremos, porém, que encerram optimos elementos para uma discussão organica dos problemas essenciais da nossa crise. Não são para afastar desdenhosamente, como *O Seculo* dá a perceber.

Merecem exame prolongado e atento, porque não obedecem a um prurido esteril de alardear sciencia pescada em brochuras mais ou menos recomendaveis. Trabalho dum português, destinam-se a remediar males nacionais.

Nós mesmo não podemos consumir muito mais tempo em inutilizar planos de finanças, prestando ouvidos a tantos clamores de má fé que é costume produzirem-se em todas as azinhagas em que se resguardam os interesses inconfessaveis ou deshonestos. Nada de delongas.

Pense bem o parlamento na responsabilidade em que incorrerá, se porventura se deixar arrastar pelas falsas correntes de opinião que cá por fóra fingem defender o bem comum, com a alma de Judas. Guie-se, sobretudo, por motivos e razões justas e nunca por sugestões malevolas de quem traz sempre os seus argumentos numa gamela.

Acautele-se contra os jornais que lançam a confusão nos animos, agitando-os, turvando-os e envenenando-os, embora afirmem que só querem a felicidade do povo — a vitima eterna de todos os maus apostolos e intrujões.

E' necessario muito e muito cuidado com a dedicação postiça dos sujeitos que tratam a moral como os ciganos as pilecas que levam ás feiras.

Outro perigo de que tambem deve fugir — não aceitar nunca como boas as queixas e protestos de quem só tenha empenho em manter a nossa degradação financeira, rugindo coleras e ameaças contra os que trabalham por resgatar-nos de tanta miseria.

Os excessos do mercantilismo e os descomedimentos de certa finança hão de provocar implacavelmente um desses *kracks* espantosos em que desaparecerão os finorios destas horas amargas.

Que desesperados esforços eles não fazem para escapar á punição dos seus crimes! Tome conta neles o parlamento, não os deixe manobrar á vontade!

Não obstante *O Seculo* afirmar que as propostas de finanças foram recebidas hostilmente, não se fie nisso o publico.

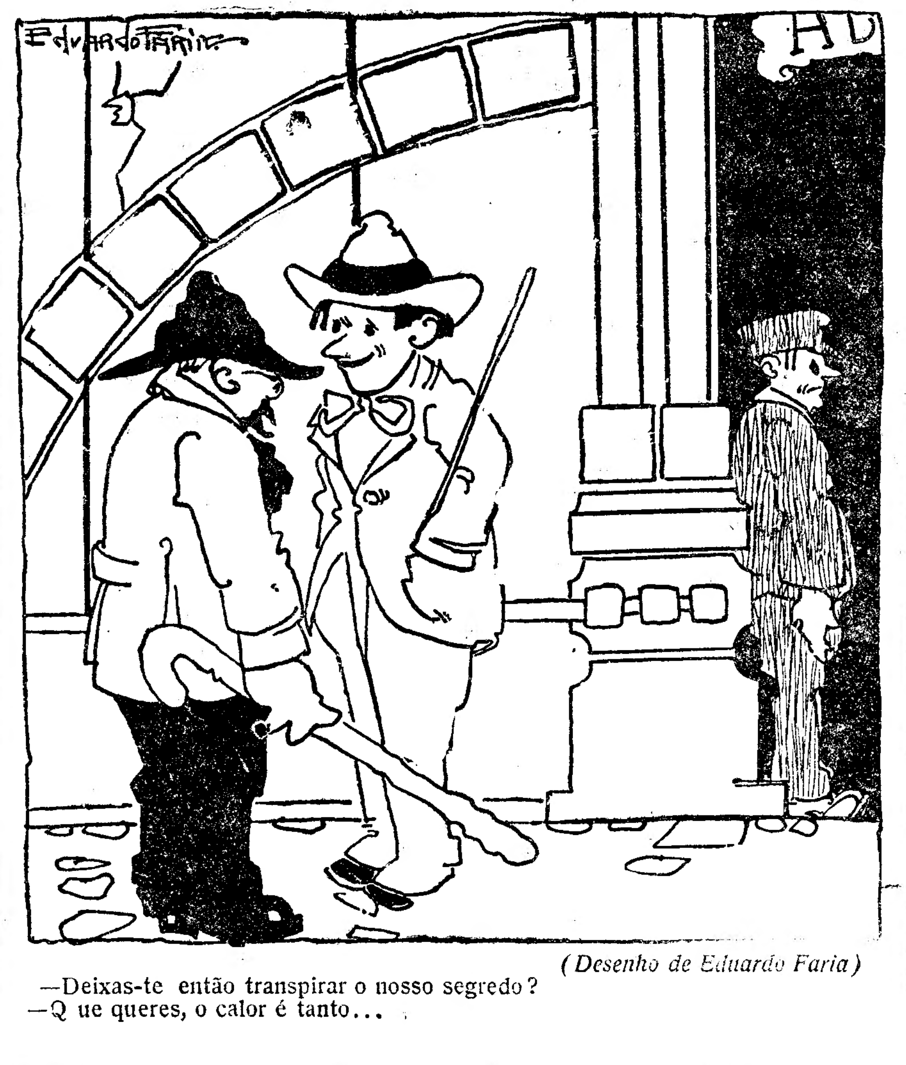
Qual o deputado, por mais largos que sejam os seus conhecimentos e rapidos os seus raciocinios, poderia logo julgar do valor dum plano financeiro, que demanda dias e dias de estudo e reflexão?

O que convem é inspirar-se em altos sentimentos patrioticos, pondo de parte insinuações mesquinhas ou vis.

Dizem-nos que os parlamentares democraticos, cujas responsabilidades como oposição são grandes, se encontram na disposição de não cederem aos que andam a fazer desvairadamente a campanha contra as propostas do sr. ministro das Finanças. Achamos que procedem nobremente e até com grande tacto politico.

Entre "profissionais"...

«O governo conhecia todo o plano do projectado movimento revolucionario».
(*Dos jornais*)



(*Desenho de Eduardo Faria*)

—Deixas-te então transpirar o nosso segredo?
—Que queres, o calor é tanto...

DO dr. Armando Narciso recebemos «A Evolução da Crenoterapia e As Aguas Medicinais Portuguesas» que se recomenda como um dos trabalhos mais notaveis sobre hidrologia portuguesa — o que, seja dito de passagem, de nada lhe valeu, quando da nomeação do inspector clinico do hospital D. Leonor, das Caldas da Rainha, a que tinha todo o direito, pois que o actual ministro do Trabalho resolveu premiar, embora sem sombra de justiça, um seu correligionario.

***

É CRUEL a situação das nossas arvores... municipais. Agonizam de sêde. As raizes não encontram frescura, o sol queima-lhes as frondes. Os platanos, sobretudo, que têm habitos aristocraticos, amarelecem antes do tempo. E ninguem compreende a sua dôr muda, mas apesar disso, eloquente... Os da Avenida estão já a perder a folha, não lhes restando mesmo o recurso de, á semelhança dos srs. Carlos Pereira e Tota, irem desafogar para a União dos Sindicatos Operarios. Facil seria suavisar-lhes as amarguras destas horas de fogo, orvalhando-lhes piedosamente as ramagens a que as poeiras imprimem tons de ferrugem e velhice.

***

ALGUNS deputados começaram já hoje a pedir licenças, que vão ser concedidas. Achamos que é de fazer arreliar aqueles que a esta hora ainda não sabem sequer se estão eleitos.

***

JUNTO a uma das mesas do bufête do Parlamento o sr. Alberto Souto falava com pessoa do seu conhecimento. Repentinamente entra o sr. Costa Ferreira que, ao vê-lo, ia caindo. — Cuidado! veja lá se escorrega...» — disse o sr. Alberto Souto. — «Não tenho receio. Se alguem escorregar, não hei de ser eu. Estão menos seguros alguns que se julgam firmes como rochas.»

Dos dois um disputa e o outro contesta a validade da eleição de Aveiro.

***

ANTES da ordem do dia, o deputado Alves dos Santos propoz, com aprovação unanime, que se exarasse na acta um voto de saudação da Camara ao nome de Antonio Augusto Gonçalves, fundador do Muzeu Machado de Castro.

***

OS que se julgam aptos para enterrar o governo, andam contentissimos. Contam já com a saida dos ministros do Interior, Guerra e Instrução, caso a crise não seja total. Não cabem na propria pele, tamanho é o jubilo que sentem. Espalham boatos e forjam intrigas. Escrevem artigos de fundo e lançam sueltos, cheios de veneno. Esperam vencer as resistencias que encontrem, no seu caminho. Ninguem lhes tira esta certeza. E como se vêm seguros nas suas esperanças, vão já fabricando o futuro governo em que, certamente por mero acaso, só figuram criaturas que a sua amizade aprecia como favos de mel. Que comedia! Que porcaria!

MAGAZINE

Ca... ao novo

Q... e os pequenos têm medo da sombra em que os grandes os fazem desaparecer é antigo feito da humanidade; mas que os grandes tivessem outro sentimento que o expressado quando muito por um despreocupado sorriso para o crepusculo que os pequenos lhe não fazem chegar sequer aos calcanhares e que faz realçar ainda mais o seu brilho, isso é que é um caso inedito.

Resolveu editá-lo a Academia Francesa. Há todas as razões de crer que será aprovada uma proposta em que se determina que a Academia de aqui por diante só publicará os nomes dos candidatos que entender, porque é manifestamente inconveniente que se saiba que certos escritores se arrogam a vaidade de pretender o «Habit Vert».

Quando os grandes começam a ter medo dos pequenos é porque se sentem diminuir.

Quais serão os receios da Academia Francesa?

Porque não pode importar-lhe muito que qualquer diga «não me quizeram lá» provocando um sceptico sorriso de quem o ouve acha a resolução o mais natural possivel.

Watteau

Acaba de passar o centenario do pintor admiravel das coisas futeis do seu tempo, mas em cuja leveza paira uma atmosfera impalpavel de transitorio, e sonho fugidio...

Pierre Champim publicou um livro celebrando-o, com comentarios ás vidas do pintor que varios amigos publicaram antigamente.

Nelas se vê que em Watteau, de espirito libertino e costumes irrepreensiveis, inquieto e voluvel, bem amigo mas de dificil conveniencia, misantropo, impaciente e timido, critico ironico e mordente, insatisfeito pelas proprias obras, predominava essa mesma melancolia que nos envolve ao contemplarmos os seus quadros, de cujo conteudo parece devia apenas exalar-se alegria futil...

Era a compreensão da transitoria futilidade da vida humana ou o pressentimento da morte prematura que o roubou nessa idade fatal dos pintores, os 37 anos, em que tambem morreram Rafael e Lesueur.

Vida imortal

A descoberta de Canel vem trazer as mais desencontradas opiniões ácerca da vida sem fim.

Agora vemos uma opinião que diz que seria uma calamidade porque a sensibilidade gasta-se...

Eis o que não é verdade. O cansaço e a insensibilidade que não é regra geral, provem do enfraquecimento dos tecidos. Não envelheçamos, não adoeçamos e veremos se a insensibilidade se apodera de nós.

Nós neste problema apenas vemos uma dificuldade que talvez a sciencia tambem resolva, achando maneira de viajar até aos planetas inhabitados:

Se a crise das subsistencias é já tão grande e não há casas para ninguem, com tanta gente a morrer, como é que se há-de alojar a futura humanidade?

Porque os senhores compreendem, ainda que adotassemos a pipa de Diogenes, a certa altura, nem pondo-as umas por cima das outras se poderia passar...

O habito não faz o monge

O ministro da Guerra do reino de Napoles dizia ao rei que era preciso mudar o uniforme dos soldados.

O rei que não entendia bem a necessidade respondia-lhe:

—Vista de preto, amarelo, verde, encarnado ou da côr que quizer, que eles quando fugirem não deixarão de correr com a mesma pressa.

TEATROS

Em Paris

No Comédie Française — Foi recebido com grande entusiasmo pelo publico a peça «Cirée» de Alfred Poizat, que procurou conservar nos dois actos de que consta a peça o estilo familiar e nobre de Homero.

No Opera—Este teatro vai dar uma representação do «Rigoletto» em que a sr.ª Alexandrovicz e Duclos desempenharão os papeis principais.

No Opera Comique—No domingo passado representaram-se neste teatro as peças «Lakmé» e «Paillasse».

Entre nós

Os autores da revista «De capote e lenço» pensam escrever um quadro novo, que teria a sua «première» no dia em que aquela peça perfizesse a 14.ª representação.

--A companhia Ruas termina os seus espectaculos no teatro Apolo no dia 30 do corrente, e antes da sua partida para o Porto dará algumas recitas na provincia. Na capital do norte inaugurará a 16 de outubro.

—A convite do actor Grijó, o sr. Penha Coutinho vai escrever um drama com destino á companhia Aura-Adelina Abranches.

--Ao contrario do que se tem dito, o actor Rafael Marques continuará no Nacional para a proxima epoca.

--A nova revista de Eduardo Schwalbach «Gato por lebre», em ensaios no Eden-Teatro, tem figurinos do caricaturista Amarelhe.

--A acção da opereta «Ciume de mãe», que a companhia de Armando de Vasconcelos tenciona pôr em scena na proxima epoca, desenvolve-se numa das lezirias do Ribatejo.

--O sr. Luis Galhardo irá no proximo mês a Madrid tratar de assuntos que se prendem com o teatro.

--Realiza-se hoje, pelas 21 horas e meia, nas salas da Agencia Americana, um serão de arte para apresentação das discipulas de dição e representação das ilustres artistas D. Lucinda Simões e D. Lucilia Simões. Este serão de arte será oferecido aos criticos teatrais dos diferentes jornais de Lisboa.

Reclamos

S. CARLOS—Repete-se hoje a peça de Vasco de Mendonça Alves «Sedutores», que tanto sucesso tem alcançado na magnifica interpretação de Amelia Rey Colaço, Maria Judice da Costa, Robles Monteiro e Henrique de Albuquerque.

NACIONAL—Hoje repete-se no Nacional «A vida dum rapaz pobre», que tem um excelente conjunto de desempenho, aprimorada enscenação de Lucinda Simões e magnificos scenarios de Augusto Pina.

A esta peça sucederá «Rogerio Laroque», de Jules Mary, com Rafael Marques no protagonista. A peça está sendo ensaiada por Augusto de Melo.

S. LUIZ—No proximo sabado reabre o S. Luiz com a reaparição da celebrada revista «De capote e lenço», actualisada e modernisada e com muitos numeros novos e varias surpresas. Joaquim Costa reaparece no popular e festejado «Cabo Elisio», a sua mais notavel criação comica. Nos principais papeis, Antonio Gomes, Laura Costa, Holbeche Bastos, Aurelio Ribeiro, Augusto Costa e outros.

POLITEAMA—E' já amanhã que se estreia, nesta epoca, a deliciosa opereta «A rainha do fonografo», uma das coroas de gloria da companhia Satanella-Amarante. Hoje efectua-se a despedida da peça que ali tem estado em scena, com grande exito, «Avé Maria», cujo entrecho e linda musica obtiveram sempre estrondosos aplausos.

AVENIDA—Realizam hoje a sua festa o estimado secretario deste teatro sr. Jaime Bento e o apreciado actor Henrique Pereira. O espectaculo é dos mais atraentes, constando da unica representação da delicada comedia «O coração manda».

Amanhã repete-se a «Fedora», com Palmira Bastos na protagonista.

GIMNASIO—«O celebre Pina» vai hoje á scena em recita da moda, para a qual com toda a antecipação, mandaram reserver lugares muitas familias da sociedade elegante.

EDEN—Está provado que o verdadeiro ponto de reunião todas as noites é no Eden-Teatro casa de espectaculos cheia de conforto, tem sobretudo, em scena a mais alegre das revistas, «Pé de dança», desempenhada por um grupo brilhante de artistas, ensaiada como poucas e tão viva e saltitante que merece a pena vê-la mais do que uma vez. «Pé de dança» repete-se hoje.

APOLO—A revista «Porto, tantos de tal», apesar de estar a dar as ultimas representações, atrai todas as noites ao Apolo enorme concorrencia.

SALÃO FOZ—O «Trólaró» continua na ordem do dia. Não tem outro remedio senão ir ao Salão Foz quem quizer ver a mais linda revista da actualidade.

Espectaculos

S. CARLOS—A's 21,30—«Sedutores».
NACIONAL—A's 21,15—«A vida dum rapaz pobre».
S. LUIZ—A's 21—Não há espectaculo.
GIMNASIO—A's 21,30—«O celebre Pina».
APOLO—A's 21,30—«Porto, tantos de tal».
AVENIDA—A's 21,30—«O coração manda».
POLITEAMA—A's 21,30—«Avè Maria».
EDEN—A's 21,30—«Pé de dança».
SALÃO FOZ—A's 20,30 e 22,30—«Trólaró».
COLISEU DOS RECREIOS—Fechado.

CHIADO TERRASSE—A's 9—Animatografo e variedades.
TEATRO GIL VICENTE (á Graça)—Aos domingos segundas e quintas-feiras «Depois do degredo».
OLIMPIA—Animatografo e concerto.
SALÃO CENTRAL—Animatografo e concerto
CINEMA CONDES—Animatografo e concerto
SALÃO IDEAL—Animatografo.

S. CARLOS
:-: HOJE :-:
ÁS 9 1|2
SEDUTORES
Original de Vasco de Mendonça Alves
Enscenação do professor ANTONIO PINHEIRO

O NOSSO INQUERITO

Vai haver touros de morte em Portugal?

Mais uma resposta a favor das corridas á espanhola

Sr. director do *Diario de Lisboa*: Se amador de touradas, equivale a «toureiro» para o efeito do «inquerito sobre touros de morte em Portugal», é favor considerar como resposta, respectiva, o que passo a expor, muito sucintamente, pois julgo estafados os motivos vulgarissimos, e determinantes do meu sentir, que é afinal o do grande publico sinceramente devotado á arte de Montes.

Em volta do assunto temos: os criadores de touros de lide, a representarem ao governo, em favor da morte dos touros nos espectaculos respectivos; e, a Sociedade Protetora dos Animais, a contra-representar, pedindo se mantenha a portaria n.º 2.700, de 6 de Abril, ultimo.

Cumprindo ao governo pronunciar-se, sobre tais opiniões, bem diferentes, está naturalmente, indicado, que, pondo de parte as infantibilidades da aludida contra-representação, atenderá, certamente, á petição dos referidos criadores, consentindo que parte das corridas, se efectuem á espanhola, visto isso ser possivel sem a selvajeria da morte dos cavalos, que serão defendidos. E deste modo sobre ficar tudo certo, resultará termos corridas de touros á portuguesa, com todos os elementos que já possuem, acrescidos da grande lide á espanhola, repetimos, o que as tornará completas e, emocionantemente atraentes, com grande vantagem para a arte, para o publico e para as casas de beneficencia e emprezarios.

De v., etc. *José Duarte Coelho.*

EXPEDIENTE

Aos nossos presados assinantes rogamos a fineza de nos comunicarem qualquer irregularidade na entrega em Lisboa feita por distribuidores, e qualquer erro que nos endereços aos que são servidos por intermedio do correio a fim de imediatamente providenciarmos.

A ADMINISTRAÇÃO

Alem-mar

Foi extinto o lugar de juiz auditor de Moçambique

O alto comissario em Moçambique extinguiu o lugar de juiz auditor do Tribunal Militar Territorial, sendo exonerado por esse facto, do referido cargo, o sr. dr. Sousa Martins.

Policia judiciaria

Foi nomeado director substituto da policia judiciaria de Moçambique, o sr. Quaresma Ventura.

Nova tabela de vencimentos para os funcionarios coloniais

Pelo govêrno de Cabo Verde foi mandada pôr em execução a nova tabela de vencimentos dos funcionarios civis daquela provincia, em harmonia com o decreto 7415, incluindo as subvenções colonial e eventual.

A GARRETT
Pâtisserie et Restaurant
Table d'Hôte
Service à la Carte
Five ó clock tea
Lunchs et Soirées
ORQUESTRA IBERIA
sob a direcção do eximio violinista
JOAQUIM ROIG

DIA RELIGIOSO

AMANHÃ, 5—Resa-se de Nossa Senhora das Neves, duplex maior, paramentos brancos. Na missa, Credo, e prefacio B. M. U. et te in festividades.

LAUSPERENE — Na igreja paroquial do Socorro.

FESTIVIDADES:

Sé, ás 11, coro; ás 12, missa e vesperas.

S. Roque, ás 8,30, missa.

S. Domingos, ás 11,30, missa solene da reposição do Sagrado Lausperene, por musica.

Socorro, ás 12, festa a Nossa Senhora do Socorro, com missa solene, por musica, orando o rev. Pinheiro Marques; ás 19, ladainha e Te-Deum, por musica.

Pinto & Sotto Mayor
BANQUEIROS
LISBOA — Rua do Ouro, 18, 24
PORTO — Praça da Liberdade, 28, 29
REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO
BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL
Depositos á ordem e a prazo
Contas correntes em moeda nacional e estrangeira
Saques sobre o paiz e estrangeiro
Descontos e transferencias
Operações financeiras—Fundos publicos nacionaes e estrangeiros

ARTE & LETRAS

DEAMBULAÇÕES

LINHA DE CASCAIS

A linha de Cascais é uma especie de Rua do Ouro com rodas e máquina.

Os passageiros sucedem-se, mas não se renovam. Tudo caras mais ou menos conhecidas. Empregados publicos, dactilografas, comerciantes, janotas, massadores, boatos:. Lisboa.

* * *

A estação central da linha do Estoril não é, afinal, o sordido barracão do Cáis de Sodré, mas sim no Rocio ou no Terreiro do Paço.

Prolonga a cidade e o electrico.

As suas estações são outras tantas «paragens», com Cascais como zona final.

Em certas estações, em que alguns comboios não param, o maquinista deve fazer que não com a cabeça ou com o dedo, para indicar que não há mais lugar aos passageiros que esperam vez.

* * *

Vieram ao meu lado alguns aspirantes da esquadra americana.

De Belem para baixo, queriam, á viva fôrça, ver o monumento a Vasco da Gama.

Como lhes explico que não há tal monumento e lhes indico a Tôrre de Belem e os Jeronimos, acham muito bem, mas antigo.

Compreendo que, para êles, é inconcebivel que não haja um monumento moderno e grandioso aos descobridores.

Falou-se em tempos na Avenida da India. Agora fala-se numa avenida em Algés.

* * *

Não é animação nem alegria o que abunda na linha de Cascais.

Os homens, na maioria, vão só lá passar a noite. As mulheres acham tudo caro e as criadas insuportaveis.

As meninas, essas, procuram, o mais aborrecidamente possivel, fingir que se sabem divertir.

* * *

O «Diario de Lisboa» devia pôr a concurso a casa mais feia da linha de Cascais.

Há cada uma!

* * *

Ontem, no comboio, um capitalista, de botas montanhosas, falava no seu «chalé á antiga portuguesa».

* * *

A moreninha das três pulseiras tem um costume encantador. O de cantar, ao despir-se na barraca.

Quem lhe seguir bem a voz pode, por certas suspensões, saber ao certo em que alturas ela vai da «toilette».

A sua garganta é como o pregão indiscreto do seu corpo apetecivel.

* * *

O tormento da linha de Cascais são, para muitos, os domingos.

Vêm «japoneses» de Lisboa, que podem ser conhecidos, ou até credores.

A's vezes, desmancham o arranjinho. Que o diga Madama Vidraça, tomada por todos como fidalga de velha linhagem e que, depois da visita do barbeiro do marido, se saiu adela.

* * *

Misses Y... lê sempre, lê muito, lê de mais.

Sendo o mais lindo pavilhão que a América tem em Portugal, senta-se por aí, com toda a sua beleza e o seu magnifico colar de pérolas, mostrando as canelas finas e a capa do livro em deglutição.

Parece que todos a interessam irmãmente. Não dá fé de quem passa, raro olha o mar, não vê ninguem.

Lê, lê, lê, lê.

E', com a mais bela das aparências, a desejável máquina de lêr, que o seu Edison ainda não inventou.

Lembra-me, ás vezes, com a lombada do volume em evidencia, uma estante. A mais invejável e bem feita das estantes rotatórias.

* * *

Sei duma menina, tão versada em francês, que, traduzindo Cai-Agua á sua moda, achou que seria agoiro ir para lá.

Descobriu ela que, em francês, era «Tombeau».

* * *

A Parede é a praia onde toda a gente se aborrece. Porque se enfada e porque não convive.

E' tambem a praia da linha de Cascais onde aparecem mais provincianos. O Alentejo, sobretudo, tem certa simpatia por êsse sertão sem árvores.

Foi a unica terra do mundo onde me sucedeu passar três meses de penitencia, e não ter á despedida um simples cão conhecido a quem dizer adeus.

* * *

São quatro as praias da Parede: a do Sanatório, onde os bibes brancos das crianças recordam gaivotas; a da Parede, propriamente dita, com os seus afugentantes chalés; a da Vigia, muito pequenina, para lá da barraca do «grego»; e a das Avencas, talvez a mais amável, porque nunca lá vai ninguem.

* * *

A casota que lá habitei tinha as letras A. M. D.

Pensarão que eram as iniciais do proprietário. Tambem cuidei, mas a mulher explicou-me:

— O meu homem queria pôr só as letras dêle, mas, como a casa é de todos, pôz-se o nome dos três: Antonio, que é o meu homem; Mariana, uma sua criada, e Dionisio, que é o meu filho.

Faltou o da mansa burra, que gostava de visitar a cozinha.

* * *

O nome, de tragédia, não lhe vai bem com as sardas e com o andar gingado.

Cultiva de inverno o animatógrafo — a maré negra. No verão, dá-se á onda — o apalpão azul.

Tem os olhos avermelhados por quilómetros de filmes seriados e a pela curtida de centenas de mergulhos.

De lavar e doirar, como diria o outro, porque, alêm dos pulmões, oxigena agora os cabelos.

Namora muito melhor do que nada e prefere, quer na praia, quer no cinema, as comoções epidermicas.

Gosta, para mais, de transparentar-se ao sol.

* * *

Como se sabe, o ar do mar chega a embriagar nos primeiros dias, de tanto que excita as naturezas vibráteis.

A Isabelinha — cinco anos — declarou-me, há dias, que ainda não podia levar a boneca á praia, por causa dos nervos.

— Trouxe-a uma vez e perdeu a cabeça!

Quando se estabelecerá, com um prego de oiro por prémio, o campeonato estival do jôgo do prego?

Não sei quem o inventou, mas há, em certos gestos que provoca, qualquer coisa de malabárico.

Descor[illegible]o que a vencedora do torneio seria aquela loira esguia e saltarilha, que tem o seu quê dum prego animado, que Deus se entretivesse a espetar pela areia.

Manoel de Sousa Pinto

Poema das folhas sêcas

Transcrevemos hoje, com grande satisfação intelectual, uma formosa poesia «Poema das folhas sêcas», retirada do belo livro do dr. Antonio Sardinha, agora publicado, e que se intitula *Quando as nascentes despertam*. Toda a organização literaria do autor, de uma esplendida unção espiritual, quase mistica e coroada por um sentido estetico que participe da primitiva pureza da forma, aparece nesta obra, que recomendamos ao publico escolhido, e na qual todo o sonho de beleza aristocratica, que vive no feitio requintado do poeta, passa ansiosamente de folha para folha. A poesia que transcrevemos, ao acaso, é uma afirmação do talento solido do dr. Antonio Sardinha.

Ao marquês de Quintanar, coned de Santibanez del Rio

Vem a subir o Outono, ó minha Amiga!
Nem mesmo a aragem corta
o ceu parado,—o amplo ceu dormente!
Olha o abandono da paisagem morta!
Como de a ver, desfeita, inanimada,
sucumbe a alma á gente!

Vem a subir o Outono...
Um vento rouco
diz agonias lentas quando passa.
E eu deixo-me invadir a pouco e pouco
p'la intima tristeza, p'la amargura,
dessa lamúria baça!

Seus fundos ais parecem profecias...
Voz de tragedia antiga,
não sei que mistico terror a inunda!
Que estranhos males são os que anuncias?
Donde me falas, boca moribunda?

E o vento aventureiro
cala-se, não responde e continua...
Abala e torna a vir...
Ó caminheiro
de estradas ermas, longas, infinitas,
que negra sina a tua!

Vem a subir o Outono!...
Ó minha Amiga,
como será o nosso envelhecer?
Murcham quimeras como secam folhas!
Se o tempo, que nos liga, nos desliga,
p'ra que viver, Amor, se havemos de morrer?!

Abril partiu, cantando, p'ra o desterro,
mas logo voltará com os trigais!
Vem a subir o Outono em ar de enterro...
P'ra nós Abril é que, uma vez partido,
já não regressa mais!

Tu que buscaste entre retortas, Fausto,
a formula da vida alheia á dor,
—da Vida-Aguia, sempre altiva e moça,
tem dó, tem dó dum coração exausto,
—ensina-m'a, doutor!

Ensina-me a vencer o frio e a morte,
guarda-me da incerteza em que estrebucho!
(Se o coração me palpitasse forte,
bem me importava o teu saber, ó bruxo!)

E o vento, vagabundo,
passa, repassa, torna a repassar...
João-sem-Terra, deu a volta ao mundo,
—o que ele não trará p'ra nos contar!

Vem a subir o Outono...
Ao ceu parado,
um tédio enorme o espalma.
Coalhado, quieto, não o acorda um vôo!
Oh, que saudade me anda agora na alma
p'la luz que se exilou!

Oh, quem me dera em encantadas ilhas,
cheias de enlevo, á flor do mar brilhante,
—jardim de maravilhas,
rasgado contra as bocas do Levante!

Longe do Outono, ó minha pobre Amiga,
que bom seria ouvir cantar ás ondas
a sua estranha e antiga melodia!

Meu triste amor transido, não respondas!
Basta que eu leia em teu olhar friorento
que bom seria!

E que saudade viva não me assalta
p'la luz que se exilou!
Oh, quem nos dera, Amor,—oh, quem nos dera
lá onde as andorinhas fazem alta,
quando se vão a ver da Primavera!

Oh, quem nos dera, Amor!...
E o vento volta;
Volta rimando a solidão do Outono..
E eu sinto-me criança, tenho medo!
Quero uma ama,
—quero um regaço doce, enternecido,
p'ra me embalar, p'ra me chamar o sono!

(E o vento,—o grande tragico, declama
as falas do Romeiro incompreendido.
—«*Ninguem! Ninguem!...*»
Oh, que aflitivo drama,
o drama desse funebre gemido!)

Canta-me tu, Amor, toadas lentas,
como as que a velha Brigida sabia!
Serve-me de aia, vê se me acalentas
na sombra triste que entristece o dia!

Ao menos, com a voz amargurada,
canta-me tu cantigas de avósinha:
—a Bela-Infanta em seu jardim sentada,
ou Melisendra presa na Moirama
ou Dona Silvaninha!

Eu sinto-me criança,—eu tenho medo!
(As coisas que me acodem ao sentido!...)
Ó minha Amiga, vem subindo o Outono!
Quero um regaço doce, enternecido,
p'ra me embalar, p'ra me chamar o sono!

Antonio Sardinha

Excerptos de cartas de amor de 1880

....

Como eu sonhava fazer-te feliz, consagrando-te toda a minha vida, toda a minha alma, lendo-te no olhar os mais reconditos pensamentos, adivinhando-lhe as menores sombras e tendo sempre uma prova de afecto que te fizesse sorrir.

Quantas vezes, nos meus sonhos passados eu te via sentada ao pé de mim, conversando, em noites invernosas, em que ouvissemos bramir o temporal, eu adorando-te sempre e bebendo nos teus olhos a felicidade a longos tragos, sem desejar mais nada, sem aspirar a outra ventura, sem antever outro paraiso além de viver nesse culto, apoelhando sob a luz do teu olhar bemdito!...

E talvez neste momento penses noutro—acho natural e é sem revolta que o julgo... sem revolta não, para que hei de mentir? Eu não compreendo o amor sem o crime, crime como este que eu sinto de ti, intenso, desolador, sem direitos, e tanto mais forte, talvez, por que os não tem.

A felicidade sem ti não existe ou não a sinto, o que é mais positivo e incombativel. Perante isto o que valem os raciocinios? Levem-me para onde quizerem, dêem-me o que quizerem, faltando-me tu, falta-me tudo. Posso, é verdade, ser mais infeliz do que hoje sou, mas feliz sem ti, não é possivel.

Há em mim o desespero dum sonho irrealisavel, porque a aspiração, o sentimento, a ideia persistem, no meu pensamento e no meu coração, e ao mesmo tempo não sinto um lampejo de esperança ou de confiança na vida.

No dia em que eu souber que estás irremediavelmente perdida para mim, hei de sofrer tanto!...

E vejo sempre ese dia. Sinto-o caminhar para nós, ou antes, sou eu e és tu que caminhamos para ele.

E vivo assim, numa abstração doentia, com impetos de saudade que me desvairam. Há momentos em que para estreitar as tuas mãos nas minhas de ver um olhar de amor nos teus olhos eu era capaz de todas as loucuras.

....

(Copia).

Samuel

DAMIÃO & C.ta 57, Rua Garrett, 59
E' quem melhor veste as crianças

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

Não vale a pena...

Tinha posto a sua vida inteira, mais, muito mais do que a sua vida—toda a esperança-arco-iris do futuro — naquele sonho irizado de Beleza dos seus vinte anos que conhecem o mundo, que palparam a dor, que sentiram de perto roçar a aza negra da miseria, e raro, muito raro, um sorriso doirado de mulher. Consagrava-se todo a ela como um asceta se consagra a Deus. Fechava-se no seu quarto, divorciava-se do mundo para viver sósinho aquela saudade de a não ter ainda, para lhe brindar toda inteira a sua alma virgem de pecados, a sua alma pura como um sorriso imaculado de criança. Vivia só, não tinha outra afeição, era o eterno insatisfeito de Beleza que andava pelo mundo por favor, como se o mundo não fosse de todos nós que lhe sentimos palpitar as alegrias, as dores, os odios, as invejas, as desilusões. Não vivia para ele, vivia por amor dela. Era a sua grande promessa de felicidade—aquele amor que um dia desabrochou no seu caminho e que ele sentiu que não podia desabrochar para mais ninguem, porque só ele tinha o condão maravilhoso de adivinhar o doce misterio da sua voz, quando os labios mal chegavam a pronunciar uma palavra; a intenção toda velada do seu olhar, quando os olhos ainda não tinham esboçado a sombra de um desejo; a suplica ingenua do seu gesto, quando a mão se descerrava numa caricia ardente de mocidade. Era a sua unica razão de viver—aquela criança ausente do pecado que o Destino lhe brindou quando a desesperança começava a tornar em outono a sua primavera. (Chamavam-lhe o Penumbra, *porque não gostava de viver á clara luz do sol. Era assim, como Deus o fez).*

Pois bem! A flôr desabrochou as suas pétalas ao sol e o sol queimou as petalas da flôr. Ele já não vive agora, morre lentamente, tem um prazer inefável em morrer assim. Bom Deus! Qual era o seu pecado? Talvez o de não ser deste mundo, sim, a alma branca que tu chamaste para o ceu. Mas se ela havia de morrer, para que a fizeste desabrochar na Terra!

E foi assim que o Penumbra *me contou serenamente, sem uma lagrima, a sua historia. Era de noite, noite de agosto serenissima e andavam no ceu a boiar, como num grande lago azul, milhões de estrelas. E o* Penumbra *filosoficamente concluiu:—Não, não vale a pena...*

Norberto Lopes

Navios de guerra

Deixou hoje o cargo de comandante do cruzador *S. Gabriel* o capitão de mar e guerra sr. Pereira Leite e assumiu esse comando, o capitão de fragata sr. Ferreira Lima, que deixou o cargo de chefe da 2.ª repartição da 2.ª direcção geral da marinha.

DIPLOMATAS

Chegou hoje a Lisboa o novo ministro da França

No rapido de Madrid chegou hoje, acompanhado de sua esposa, o novo ministro de França em Lisboa, sr. Bonin, que foi recebido na gare do Rocio pelo pessoal da legação e do consulado. O sr. Bonin é um diplomata de carreira, muito distinto e considerado no seu país. O novo representante da França visitou hoje mesmo o sr. ministro dos estrangeiros.

— O sr. ministro da Alemanha teve hoje larga conferencia com o sr. presidente do ministerio.

OUVINDO O DR. JOSÉ DE FIGUEIREDO

NO LEILÃO AMEAL AS FAIANÇAS E AS TELAS PORTUGUESAS ATINGIRAM PREÇOS ELEVADISSIMOS QUE NÃO CORRESPONDIAM AO SEU VALOR

UM MAU QUADRO DE SILVA PORTO FOI VENDIDO POR DEZASEIS CONTOS, QUANDO O MUSEU DO PRADO ADQUIRIU HA TEMPOS UM DO MESMO PINTOR POR QUATRO

O sr. dr. José de Figueiredo, director do Museu de Arte Antiga, logo que soube que se ia vender em almoeda o recheio da casa Ameal, embarcou em Paris numa primeira classe, atravessou França e Aragança e aportou 48 horas depois a Coimbra. Assistiu de principio a fim ao leilão, ao lado de Eduardo Moreira, de Augusto Gonçalves, de José Relvas, do ministro da Alemanha e de mais meia duzia de pessoas, pobres fala-sós como o vulgo os apoda, que ainda se interessam pela arte, que ainda se sacrificam pela arte, que ainda falam de arte. São êles, acreditem, os grandes iluminados, os grandes sebastianistas do sonho.

A correr, filmando aqui e ali completamente uma frase do dr. José de Figueiredo, o jornalista pode resumir assim as impressões do ilustre — adjectivo perfeito neste caso, apesar de muito gas[illegible] [illegible] do elogio mutuo — director [illegible] Arte Antiga:

— [illegible] Ameal apareceram coisas boas [illegible] O que melhor havia, sem sombra de duvida, eram as colecções de faianças, principalmente as do século XVII.

—Que, apesar de falsas, atingiram preços exorbitantes, [illegible] disse Norberto de Araujo, em [illegible] que o «Diario de Lisboa» publi[illegible] tambem essa a sua opinião, doutor?

—Um pouco. Mas antes de [illegible] este assunto, poderiamos abrir um [illegible] tesis...

—Poi sim.

—O que me chocou principalmente no leilão, foi a falta de cultura geral da maior parte das pessoas que compra..., coisa que está em harmonia com a falta de cultura da maior parte das pessoas que vendem. E digo maioria, porque há excepções tanto num campo como noutro.

—Fechou o parentesis?

—Fechei—E o dr. José de Figueiredo sorrindo-se, o que é raro, voltou ao assunto inicial:

—Certas peças de ceramica atingiram lanços elevadissimos o que é ainda uma consequencia da tal falta de cultura... A maior parte das faianças que se venderam, não tinham um valor de beleza, mas um relativissimo valor documental. As peças espanholas, as italianas, não falando já das hispano-mouriscas...

—Eram falsas? interrogámos rapidos.

—Algumas eram.

—Não foram só as faianças portuguesas que atingiram preços exorbitantes mas tambem a nossa pintura.

Nesta altura o sr. dr. José de Figueiredo pronunciou uma frase, uma frase de beleza:

—A obra de arte tem um valor sentimental.

—Muito bem observado, dissémos. Mas não se esqueça dos objectos *falsos* da casa Ameal.

—O mercado está inundado de coisas falsas. Em mobiliario então, é um horror! Quasi todos os moveis entalhados, embutidos e axaroados, que por ahi aparecem, são falsificados. Isto só prova...

—A nossa habilidade de imitadores, completámos.

—Como sabe, foi eu a unica pessoa que em Portugal determinou devidamente a nossa escola de pintura do seculo XVI. Lá fóra, no estrangeiro, essa escola é uma realidade. Aqui mesmo, apesar de tudo... ela foi aceite. Sabe o que me aconteceu no leilão Ameal?

—Não, não sabiamos, dissémos.

—Tive que adquirir dois paineis do seculo XVI, por três contos, quando antes dos meus estudos sobre a pintura daquele seculo, se poderiam adquirir por 50 escudos! Outro caso curioso: um quadro Silva Porto, que se intitula o «Estabulo», e que representa três vacas junto duma manjedoura, foi vendido por 16 contos! Só um animal está bem pintado; os outros são maus, inferiores. O museu do Prado, porém adquiriu há tempos uma bela tela de Silva Porto, cujo assunto é quasi o mesmo, por 4 contos!!

—Isso deve-se atribuir á tal falta de cultura de que o sr. José de Figueiredo se queixa, mas que nós mais abertamente denominaremos ignorancia, opinámos.

—Todas as coisas portuguesas se venderam muito bem. Até certo ponto, isso satisfaz-me, contenta-me. E' o movimento nacionalista na arte, que se acentua...

—O que comprou para o seu museu?

—Comprei tudo quanto podia comprar. Estive 18 dias em Coimbra, sujeito a um calor de fornalha, e peregrinando pelos hoteis. Mas que hoteis!

—Quanto gastou?

—Aproximadamente 50 contos. O sr. ministro da Instrução deu-me uma verba importante, para adquirir para o meu museu, o que quizesse. Se ele não o tivesse feito, teria que recorrer aos amigos, do museu de Arte Antiga.

—Quando veremos as maravilhas que comprou? Falaram-nos num S. Jeronimo de Henessen, que vale um tesouro. Cem contos talvez...

—[illegible] esfingico.

[illegible] esfinge, porém, gentilmente, como é [illegible] dizer, acrescentou:

—[illegible] a algum tempo farei numa das [illegible] museu, uma exposição de todos [illegible] que adquiri no leilão Ameal.

[illegible] *falsos*. Desta vez foi o sr. dr. [illegible] Figueiredo:

—[illegible] da casa Ameal, o que [illegible] em todas as grandes [illegible] coisas que não correspondi[illegible] ões que tinham. Mas [illegible] atica lá encontrei. Tudo ou [illegible] que se tem dito sobre os quadros [illegible] é rigorosamente verdadeiro. [illegible] compreende, o meu papel, não é estar a fazer, nem correções ao catalogo, nem [illegible] comentadores. Portanto fico-me [illegible].

Mas o sr. dr. [illegible] Figueiredo não ficou por ali; disse ainda:

—Pessoalmente [illegible] posso deixar de registar as atenções [illegible] que fui tratado pelo sr. conde do [illegible] pelo meu velho e bom amigo Mat[illegible], que se interessou sempre pelo [illegible], e ainda pela quasi totalidade [illegible] compradores. A alguns destes, ficou [illegible] o museu a dever serviços, o que é [illegible] para registar, quando se tratava [illegible] negociantes que sacrificaram assim [illegible] interesses

A redução dos quadros do funcionalismo publico

Foi hoje, muito discutida [illegible] interessados, que na sua maioria a reprovaram, a proposta de lei referente aos funcionarios publicos. Parece que vái realizar-se um grande movimento de classe contra a proposta, tanto mais que ficará existindo uma grande disparidade entre a [illegible] de funcionarios civis e os militares.

A EXPOSIÇÃO DE LONDRES

A REPRESENTAÇÃO AGRICOLA DE PORTUGAL FOI BOA, MAS PODIA TER SIDO MUITO MELHOR

Uma palestra com um dos delegados portugueses põe-nos ao corrente da inferioridade do comerciante português em relação ao estrangeiro — O que nos disse o sr. Duffner

O sr. Duffner, funcionario superior da Direcção Geral do Comercio Agricola, procurado por um dos nossos redactores para que alguma coisa dissesse ácerca da Exposição Agricola de Londres e da representação de Portugal, de que êle foi um delegado, recusou-se modestamente. «Que acima dêle estava o sr. comissario, que não podia ser...»

O jornalista mostrou-se conformado. E só então, já á vontade, o sr. Duffner nos falou, como a um amigo, do que foi a nossa representação na Exposição Agricola de Londres:

— Optima no conjunto. A nossa secção sobresaiu até bastante das secções francesa, brasileira e belga.

E o sr. Duffner entrou em detalhes, observou que o nosso comercio não se desenvolve porque é o mais egoista. Não fornece preços com receio de que o produto mais se valorize.

— Egoista e explorador — atalhámos nós.

— No Rio de Janeiro, onde o consumo dos nossos vinhos generosos era consideravel, o consumidor começou por se queixar do constante aumento de preço imposto pelos fornecedores. Depois convenceu-se de que êsse aumento já era um abuso incomportavel e passou a importar os vinhos argentinos. Eis a razão porque o Rio de Janeiro consome uma parte insignificante dos vinhos do Douro! O comerciante é quasi sempre o culpado da sua ruina... Ele não gasta dinheiro, não o quere gastar, e, por isso, não envia representantes ao estrangeiro, onde os nossos produtos deviam ser conhecidos e apreciados.

Quem visita a Exposição, visita-a para comprar. E assim, quando algum visitante pretendia saber o preço dos nossos produtos coloniais, eu ficava «entupido»!...

— Mas, dêem preços sem compromisso...

— Nem assim...

— Esta Exposição repete-se?

— Há de repetir-se em datas e em países ainda não determinados. No entanto, posso-lhe afirmar que a primeira se realizará em 1922, na Belgica.

— E que espera da nossa futura representação?

— Espero que ela seja organizada com disciplina, para lá não faltar nada, nem uma indicação. Imagine que não existia na nossa secção em Londres uma lista dos nossos exportadores coloniais...

— E, no entanto, a secção agradou?...

— Agradou — pelo conjunto. E tanto assim que foi premiada...

O Centro Comercial do Porto

enviou ao governo um telegrama de apoio e incitamento

O sr. presidente do ministerio recebeu hoje o seguinte telegrama: «Carecendo o país de medidas que encaminhem a regeneração economica nacional e consequente desenvolvimento de todos os recursos que podemos dispôr e sendo esse empenho manifestado pelo governo da digna presidencia de v. ex.ª, o Centro Comercial do Porto faz veementes votos porque da acção do governo e do parlamento resultem todos os beneficios possiveis para tão patriotico «desideratum» e reitera a v. ex.ª os seus respeitosos cumprimentos.—(a) *Luís Marques de Sousa*, presidente da direcção.»

A CIDADE

UM ASSUNTO PALPITANTE

AINDA O CASO DO EMPRESTIMO DOS 30 MIL CONTOS Á ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES

Apesar de todas as suas deficiencias materiais, a Escola tem caminhado pela mão dos seus professores ilustres e preparado triunfante sucessivas gerações de artistas

Sr. director.—Publicava ontem no *Diario de Lisboa* o sr. Leitão de Barros uma extensa carta sobre coisas de arte ao sr. ministro da instrução. São quatro colunas cerradas de palavras que pretendem ser ironicas, causticas, mas que não passam de palavras...

O sr. Leitão de Barros afirma, nega, diz e desdiz-se de principio a fim. E que incongruencia!

Pretende o sr. Ginestal Machado, novo ministro da instrução, conceder á Escola de Belas Artes uma verba de 2:000 contos, destinada, segundo me parece, á construção dum edificio onde possam condignamente serem instaladas as suas aulas. O sr. Leitão de Barros não quere. E não quere porquê? Porque a Escola de Belas Artes, segundo ele diz, está metida no velho convento de S. Francisco.

«Tirá-la dali, era matá-la», afirma. E ironicamente, dirigindo-se ao ministro, acrescenta: «Deixe em paz a Escola de Belas Artes com as suas teias de aranha, o seu porteiro monumental e as suas alunas ingenuas.»

O sr. Leitão de Barros não quere que a Escola de Belas Artes tenha uma instalação condigna porque entende que os 2:000 contos que o sr. Ginestal Machado lhe quere conceder devem ser aplicados nas obras—mas que obras?—da Sociedade Nacional de Belas Artes. Aí é que está a gente nova! clama o signatario da carta aberta.

Mas eu pregunto: os alunos da Escola de Belas Artes são velhos? Não são eles que expõem no «Salon» português? Não são eles os seus socios?

Posso garantir ao sr. Leitão de Barros—ele de resto bem o sabe—que 90 por cento dos componentes da Sociedade Nacional de Belas Artes pertencem á Escola.

De resto, todos o sabem, que a Sociedade é mais um motivo para uma grande exposição anual das nossas artes que uma academia. Sem duvida que existem umas aulas de desenho e de pintura. Mas quem as dirige? Sabe muito bem o sr. Leitão de Barros que não são os nossos consagrados; são os seus discipulos.

O caso do esfuminho para interpretar a plastica da figura, a que se refere o aguarelista sr. Leitão de Barros, é usado tanto na Escola como na Sociedade.

Donde saíram Columbano, Salgado, Carlos Reis e outros? Da Escola! Donde brotaram *as altas capacidades* da Sociedade? Da Escola! Donde saíu o proprio sr. Leitão de Barros? Da Escola! Quere então esse senhor que ela fique no velho casarão de S. Francisco sem aulas, sem luz, sem modelos e sem comodidades? Seria um contrasenso.

E' preciso que a magnifica ideia do sr. Ginestal Machado vá por deante. A Escola de Belas Artes tem tradições. Dela saíram nomes gloriosos e a moderna geração dos nossos pintores e escultores que vão expôr na Sociedade. A Escola é a mãe da arte;—Sociedade a sua filha. Sem a Escola a Sociedade não existia. A função duma não é a função da outra.

E terminando:

Apezar de todas as suas dificiencias materiais, a Escola de Belas Artes tem caminhado pela mão dos seus professores ilustres, e preparado brilhantemente sucessivas gerações de artistas. Póde haver um ou outro caso isolado, que possa ser apontado como um erro. Mas nunca foi do caso que se partiu para a regra. Siga, sr. ministro, com a sua ideia e verá que a velha Escola de Belas Artes, mudando de ambiente, safando-se acolá do casarão de S. Francisco, nobilitará ainda mais as suas gloriosas tradições. De v., etc. — *M. de N.*

Uma carta do sr. Leitão de Barros

Meu Amigo: — Longe de pretender ocupar as colunas amigas do «Diario de Lisboa» com uma polemica inutil, permita v. que faça apenas, num canto do seu jornal, algumas considerações á carta que sobre a Escola de Belas Artes publicou ontem o sr. dr. Vergilio Correia.

1.º—Não sou inimigo da Escola de Belas Artes. Pelo contrario, é a organização da Escola que é inimiga de toda a manifestação de arte, moderna e independente.

2.º—Não falei da competencia de nenhum professor. Os nomes que o sr. dr. Correia cita merecem-me todo o respeito. Eu não ataquei professores, defendi uma nova organização.

3.º e ultimo—Agradeço ao sr. dr. Vergilio Correia o adjectivo de *simpatico* e o esclarecimento de que a sua nomeação foi iniciativa da Faculdade de Letras de Coimbra, *gentilmente* confirmada pelo ministro. O ilustre critico está no direito de aceitar iniciativas daquela Faculdade e gentilezas do titular da Instrução. São maneiras de ver.

Afonso Costa, economista de fama já internacional, ao concorrer á Faculdade de Direito, não quiz ser nomeado sem concurso. Gomes Teixeira, autentica gloria da Patria, tambem se quiz sugeitar a um concurso, que resultou uma apoteose, quando da sua entrada na Universidade do Porto. Mas, qualquer dos casos, evidentemente, é já sediço. Creia-me, de v., etc., *Leitão de Barros.*

PÃO NOSSO DE CADA DIA

A PROPOSTA APRESENTADA AO PARLAMENTO SOBRE O COMERCIO LIVRE DO TRIGO É O COMEÇO DE RUINA DA AGRICULTURA NACIONAL

O DIRECTOR DO BANCO AGRICOLA DIZ AO "DIARIO DE LISBOA" A SUA OPINIÃO SOBRE O MOMENTOSO PROBLEMA — FAZEM-SE ALGUMAS AFIRMAÇES ÕMUITO CLARAS

A questão dos trigos continua sendo, na ordem do dia, um dos mais intrincados problemas que o governo vai resolver ou pretende resolver de afogadilho com a proposta de lei apresentada ao Parlamento pelo sr. ministro da Agricultura, que vê no comercio livre dos trigos a unica saida airosa dêste caso tão embaralhado. A proposta foi ontem apresentada na Camara dos Deputados e sobre ela ainda não incidiram os debates parlamentares; mas cá fora, nos meios agricolas, a lavoura manifesta-se em desacôrdo absoluto, classificando a proposta de começo de ruina para a agricultura nacional. Assim no-lo afirmou hoje o sr. dr. Mexia, director do Banco Agricola e grande proprietario.

— Em que situação se encontra actualmente a lavoura nacional?

— Numa situação aflictiva. O sr. ministro da Agricultura, não aprovando o parecer da comissão organizadora do preço de trigo e deliberando apresentar ao Parlamento a proposta de lei concedendo a liberdade de comercio para êste genero, pratica o maior atentado contra a lavoura do nosso país.

— Mas, porque não se cumpre a lei dos trigos, de que é autor o sr. Antonio Granjo?

— Porque se quere continuar a politica do pão barato, que tanto tem concorrido para o nosso descalabro económico e financeiro. Orçam por centenas de milhares de contos os prejuizos financeiros do Estado com a politica do pão barato. Saem do país milhares de contos em oiro para pagamento de trigos importados. Pode mesmo afirmar-se que a causa que mais contribue para a desvalorização da nossa moeda foi essa ruinosa medida, que nos levou quasi ao aniquilamento da produção cerealifera e que hoje nos obriga a termos pão carissimo, porque se pretendeu artificialmente tê-lo barato.

— Afirma-se que muitos lavradores abandonam a cultura do trigo...

— E com razão. Constantemente se praticam atentados de morte contra êsse ramo de lavoura. No ano passado praticaram-se os maiores atropelos económicos em volta da questão dos trigos, conseguindo-se que neste país todos os cereais fossem cotados por preços superiores áquele. Isto com o conhecimento do Estado, que mandava vender o quilo de trigo a $22 e comprava aveia para o exército ao preço de $31. Como não quere, pois, que a cultura cerealifera vá diminuindo?

— E não se tem trabalhado para debelar tão grande mal?

— Remando contra o errado criterio que tão nefastos efeitos produziu, pretendeu o sr. Antonio Granjo dar á lavoura um forte estimulo de mais produção, que em parte atenuasse os males do passado e, num decreto aprovado pela Camara dos Deputados, determinou a creação duma comissão composta de altos funcionarios do Ministerio da Agricultura, representantes da lavoura, encarregada de, em tempo oportuno, e consequentemente antes das colheitas, fixar o preço do trigo para 1921.

— Mas, êsse decreto fica anulado agora pela aprovação da proposta apresentada pelo actual ministro da Agricultura?

— Se o Parlamento aprovar essa proposta, poderá dizer-se bem alto que a cultura do trigo nacional morreu por completo.

— Quais são as consequencias da liberdade de comercio para os trigos nacionais?

— Se isso se tornar um facto, será a ultima machadada nos restos da confiança que ainda, por simples teima, persiste nos produtores portugueses. Mais uma vez o governo não cumpriu a lei, o que é grave, gravissimo.

— De maneira, que os resultados serão péssimos...

— Porque, carecendo o lavrador de facilidades na colocação dos seus produtos dêste ano, e no momento em que todos os recursos lhe faltam ou diminuem consideravelmente, não pode vender o trigo pelo preço actual, porque lhe saiu muito mais caro, e não pode esperar, porque precisa de dinheiro para satisfazer os seus gastos.

— Mas, o que farão das novas colheitas?

— Não sei. Há mesmo alguns colheiteiros que não têm onde metê-la. Acontecerá como na Africa: irão talvez apodrecer por falta de saida.

— Está-se, pois, agravando o problema dos abastecimentos?

— Agravando-se a situação do proprio governo, que não querendo fazer ditadura, a faz, desrespeitando a lei, não publicando o parecer da comissão que já fixou o preço dos trigos para 1921.

— E o que fará a lavoura?

— Só lhe resta apelar para o Parlamento no sentido de que delibere urgentemente; que, tendo em consideração as circunstancias do momento, ou ratifique o decreto Granjo, ou aprove um regime dentro do qual caibam os respeitos pelos justos interêsses da lavoura e do consumidor.

— Seria possivel arranjar uma forma conciliatoria entre o Estado e os lavradores?

— Bem me parece que sim. Bastava a efectivação da lei de 1888, saindo-se de vez do regime dos preços maximos para o dos preços minimos. Alêm disto, nada se perderia em estimular com entusiasmo a produção nacional, facilitando-lhe varios recursos, que até hoje lhe têm sido negados com proveito da lavoura americana.

Notas Mundanas

Diplomatas

Chegou esta manhã no rapido de Medina, com sua esposa o novo ministro de França em Portugal, mr. Bonin, que era aguardado na gare do Rocio pelo pessoal da legação e consulado

Pontos de reunião

Agenda

A nossa «elite» dá «rendez-vous» amanhã em S. Carlos, recita da moda em que representa mais uma vez o grande exito desta temporada, o original do dr. Vasco Mendonça Alves, «Sedutores».

Nascimentos

Teve a sua «délivrance», dando á luz uma criança do sexo feminino, a sr.ª D. Maria da Piedade Saraiva e Castro, esposa do nosso amigo sr. Amadeu Vieira de Castro.

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as sr.as:

D. Julia de Lemos da Silveira Viana Talone da Costa e Silva, D. Irene Rollim Geraldes Barbas de Barcelos, D. Emilia Osorio de Barros Santos Moreira, D. Ana Leite de Sousa Pereira Foyos de Freitas, D. Maria de Lourdes de Mendonça Amaral e D. Lucia Rollim Geraldes Barbas.

E os srs.:

D. Pedro de Castro (Resende), dr. Ruben da Silva Leitão, dr. Joaquim Urbano Cardoso e Silva, Pedro Paulo José de Melo (Santar), Tristão Guedes de Queiroz (Foz), e José de Noronha Freire de Andrade.

Casamentos

Está justo oficialmente o casamento da sr.ª D. Isabel Maria de Soeiro Martins Ruas, gentil filha da sr.ª D. Maria Augusta Soeiro Martins Ruas e do sr. Bernardino Martins Ruas, com o sr. dr. João Ribeiro da Silva, filho da sr.ª D. Maria do Carmo Ribeiro da Silva e do sr. Manuel Ribeiro da Silva, já falecido. O casamento realizar-se há brevemente.

Em viagem

Partiu hoje para a sua quinta, perto de Coimbra, a sr.ª D. Palmira de Andrade Ximenes Sandoval Teles.

—No rapido de hoje partiu com suas gentis filhas D. Maria Emilia e D. Maria Luisa, para o Bussaco, a sr.ª D. Julia Gomes de Miranda.

—Regressou á praia da Granja, com sua esposa a sr.ª D. Maria Emilia Schef Fassio de Aguiar, o sr. Roque Ferreira de Aguiar.

—Partiu hoje com sua esposa, a sr.ª D. Raquel Benard Guedes de Aguiar, para o Bussaco, donde seguirá para Vidago, o sr. Emidio de Aguiar.

—Regressou hoje no rapido do Porto á Figueira da Foz o sr. Joaquim Soto Maior.

—Partiu hoje no rapido para o norte o sr. José Castelo Lopes.

—Com suas interessantes filhas estão já em Cascais os srs. condes da Ponte.

—Parte brevemente para a Austria e Alemanha, donde seguirá para Carlsbad, onde vai fazer uso das aguas, acompanhado de sua esposa a sr.ª D. Arminda Machado Rangel dos Santos, o sr. dr. Otavio Rangel dos Santos.

—Acompanhado de sua mãe a sr.ª D. Etelvina Falcão, parte no proximo sabado para a sua quinta em Constancia o nosso colega na imprensa sr. Vasco Falcão.

—Está actualmente em Vizela, com suas interessantes filhas, a sr.ª condessa de Correia Betencourt.

—Em Melgaço encontra-se a sr. D. Augusta S. Martinho Gonçalves.

—Por estes dias regressa com sua gentil filha D. Maria Eugenia, a sua casa na Abrigada, a sr.ª D. Sofia Pinheiro Forjão Henriques.

—Regressou de Vidago, onde foi acompanhar sua esposa, o sr. Artur Alberto Meireles de Campos Henriques.

—Encontram-se já em Cascais, com suas gentis filhas, os srs, condes de Mendia.

—De Mangualde, regressaram ontem os srs. José e Miguel de Sá Pais do Amaral (Anadia).

—Está em Lisboa, vindo de Paço da Cardiga, perto de Ponte de Lima, o sr. D. Sebastião Lopes de Calheiros e Meneses.

—Acompanhado de sua esposa a sr.ª D. Maria Luisa Alves do Rio e seus filhos encontra-se na Ericeira o sr. José Martinho Alves do Rio.

Em Alemquer

No proximo domingo, por ocasião da festa de Nossa Senhora da Conceição, o sr. D. Antonio Maria de Noronha e sua esposa, a sr.ª D. Maria de La Grandiére de Noronha, oferecem na sua esplendida quinta do Brandão um jantar seguido de sarau, para o qual estão feitos numerosos convites.

Doentes

Encontra-se melhor da grave enfermidade que o acometeu, o sr. José Pais de Vasconcelos Abranches, provedor da Assistencia Publica.

—Encontra-se muito melhor na sua casa, em Sintra, a sr.ª condessa da Castanheira.

LER ÁMANHÃ:

"ASSINAR OU NÃO ASSINAR"

Artigo de um jornalista para os jornalistas e empresarios de jornais por **Norberto de Araujo**

GARANTIA

Companhia de Seguros

Fundada em 1853 — Sede no PORTO

(Edificio proprio)

Sinistros pagos até 31 de Maio de 1921

Esc. 7.973.798$76,3

Capital — MIL CONTOS

(Inteiramente realizado)

EFECTUA SEGUROS:

Terrestres,

Agricolas,

Industriais,

de automoveis,

Trespasses,

Maritimos e de minas

— Seguros de vida —

AGENTES:

José Henriques Totta, Ld.a

Banqueiros

Lisboa — Telef. 533 e 1589-C

PROVINCIAS

Em Meda

Crime de morte por causa duma divida pequena

Meda, 1

Ontem, pelas 20 horas, em Vale de Ladrões, Silvestre Ribeiro, jornaleiro, de 55 anos, assassinou com um tiro de espingarda Antonio Torres, casado, pedreiro, de 45 anos, A vitima devia ao assassino 3 escudos e como aquele pedissa e este lhos não désse na ocasião, o Silvestre entrou dentro de sua casa, pois eram visinhos, e armado de uma espingarda caçadeira, chegou á porta e alvejou-o na ocasião em que o Torres estava a apanhar uns picos para ir dormir á quinta da Abadia, onde andava a trabalhar. A morte foi instantanea. Conceição Brites que estava perto, presenceou o crime e vendo que o assassino entrara em casa a arrumar a espingarda, correu para a porta e com um empurrão tombou-o de costas quando ele já se preparava para fugir; em seguida fechou a porta por fora e gritou por socorro.

Acudiu muito povo que, sciente do modo como o crime foi praticado, quiz queimar o assassino com petroleo, o que o vitou o regedor, enviando-o para esta vila, onde chegou acompanhado por cabos, pela 1 hora.

O assassino é de Celorico da Beira e a vitima das Amoreirinhas, do concelho de Trancoso, deixando dois filhos de menor idade. O criminoso confessou o crime.

A justiça foi hoje proceder á autopsia.

Em Paço de Arcos

A época balnear—Os festejos ao Senhor dos Navegantes

Paço de Arcos, 2

Já se encontram veraneando nesta praia bastantes familias. Inaugurou no sabado passado o Casino, havendo todas as noites concerto pelo sexteto, sob a direcção do sr. Sales Baptista,

—Continúa trabalhando com grande actividade a comissão promotora dos tradicionais festejos ao Senhor dos Navegantes, cuja festa se realiza nos dias 11, 12 e 13 de setembro e constará de cerimonia religiosa, procissão, arraial e outros divertimentos.

Em Lamego

Romaria do Senhor da Afliçāo — A crise do Douro

Lamego, 2

Na vizinha freguesia de Cambres realisou-se a tradicional festa do Senhor da Aflição no domingo, 31 do proximo passado. Na vespera, sabado, houve fogo de artificio, concorridissimo arraial de devotos e curiosos, tocando no largo do templo duas musicas. A meio do fogo, queimou-se, por desastre, uma porção dele, causando grande panico e ferindo ainda bastante um romeiro.

Na tarde de domingo, uma pomposa procissão percorreu as ruas da povoação, encorporando-se nela muitas figuras remomerando personagens biblicas. De Lamego foi muita gente ver essa procissão que para uma aldeia nada deixou a desejar.

— Principiaram no dia um os exames de admissão aos liceus. Os requerentes são 103. Tambem continuam com otimos resultados os exames de 2.ª, 5.ª e 7.ª classes no liceu central desta cidade.

— O tempo tem apresentado muitas alternativas, uma vezes calor asfixiante, outras vezes frio que pede um casaco de agasalho, com um vento todas as tardes muito improprio da época.

— As vinhas apresentam farta colheita de vinho. E pena é que se não consiga a saida deste precioso liquido para alegria dos lavradores que em tão angustiosa situação se encontram. As terras fundas tambem prometem uma boa colheita de cereais e legumes.

Em Alandroal

O imposto "ad-valorem"—Vai subir o preço da carne?

Alandroal, 30

A guarda republicana insultou um criado dos lavradores Dias & Irmão, pelo motivo de seguir para Vila Viçosa com uma porção de lã superior á que dizia o recibo do importo «ad valorem».

—O povo desta vila está ameaçado de comer a carne de chibo e borrêgo mais cara que actualmente come. Dizem os talhantes que o gado voltou a subir de preço.

—Se os novos deputados pelo circulo de Estremoz, a que este concelho pertence, se iuteressassem pelo acabamento da estrada do Alandroal a Terena, que tanta falta faz á vida agricola deste concelho, mereciam louvores de todos os habitantes deste concelho.

—Começou a aparecer no mercado melancia a 330 o quilo, apesar dos meloais prometerem abundancia.

Em Niza

Grave desordem — Afogado no rio

Niza, 3

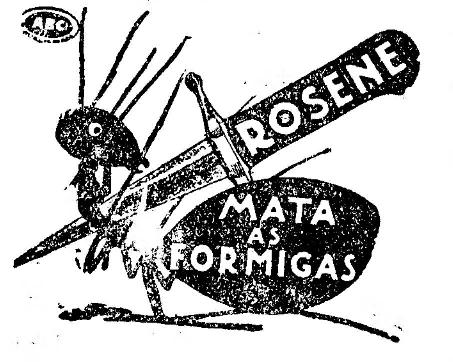
Houve uma grande desordem na povoação do Pé da serra, da freguesia de S. Simão. Antonio Simões, moleiro, esfaqueou Manoel Carvalho Matos, recolhendo este ao hospital em estado grave.

— Apareceu morto na Barca de Perais, freguesia de Montalvão, junto do rio Tejo, um individuo cuja identidade se desconhece.

Algarvia, L.da

Importadores e Exportadores

OLHÃO



Deposito — MARINHO E AMARAL

R. do Jardim do Regedor, 23

LISBOA

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no

ESCRIPTORIO FORENSE

R. do Carmo, 35, 2.º

N.º TELEFONICO: 4:233 — C.

Termas das Caldas de Canavezes

(A 2 quilometros da estação da Livração, Caldas de Canavezes, na linha do Douro)

CONDUÇAO ÁS TERMAS EM AUTOMOVEIS

As mais ricas da peninsula em arsenio e as unicas aguas sulfurosas arsenicais do país para tratamento das doenças de pele, bronquites, laringites, sifilis, reumatismo, gôta, etc.

ABERTO DE 1 DE JUNHO A 15 DE OUTUBRO

Inhalações, pulverizações, douches nasais, irrigações e fricções—Banhos de imersão e douches—Grande Hotel—Parque, casino, mata e passeios no rio—Excelente de vistas deslumbrantes—Iluminação electrica—TRATAMENTO—DESCANÇO—TURISMO.

Endereço telegrafico — CALVEZES-MARCO

Escritorios: { Nas termas.
Em Lisboa — R. de S. Nicolau, 88, 2.º

N.º 39 — Folhetim do DIARIO DE LISBOA — 4-8-921

VITORIA

NOVELA PASSIONAL por KNUT HAMSUN

—Não tenho nada a responder, disse ele.

—Obrigada, oh! obrigada, meu querido Johannes! E's tão gentil de não te encolerisares contra mim, tornou ela enxugando as lágrimas. Mas não vás julgar que não gosto de ti, tambem. Oh- sim, hei de vir vêr-te muito mais vezes de ora ávante e farei o que quizeres. Simplesmente é dele que eu gosto mais. Foi sem eu querer, não tenho culpa...

Johannes levantou-se, sem dizer uma palavra e quando pôz o chapeu disse-lhe:

—Vamos?

Desceram a escada.

Na rua Richmond esperava. Era um rapaz de cabelos escuros, com os olhos castanhos, scintilantes de vida e de mocidade. O vento tinha-lhe avermelhado as faces.

—Teve frio, disse Camila, com um impulso para Richmond.

E voltando-se vivamente para Johannes, enfiou o braço no dele.

—Desculpa-me não te ter preguntado tambem se tinhas frio. Não puzeste o sobretudo; queres que o vá buscar? Não?... Abotôa, ao menos, o casaco.

E abotoou-lho ela mesma.

Johannes estendeu a mão a Richmond. Sentia-se num estado de espirito singularmente alheio; dir-se-ia que, no fundo, o que se passava não era nada com ele.

Esboçou um sorriso vago e murmurou:

—Tenho muito gôsto de o tornar a vêr, meu caro senhor.

Richmond cumprimentou-o respeitosamente; parecia ter uma grande alegria de encontrá-lo. Na sua atitude, nenhum vestigio de falta, de culpabilidade.

—Vi ultimamente um dos seus livros numa livraria de Londres, disse ele. Estava traduzido. Tive muito prazer de o vêr ali, foi para mim como que uma saudação vinda do meu paiz.

Camila caminhava entre os dois homens, levantando a cabeça para os fitar alternadamente.

—Então, vens na terça-feira, Johannes?

—Desculpem-me, acrescentou ela, rindo, só penso no que me diz respeito.

E voltando-se logo para Richmond, em tom de arrependimento, pediu-lhe que viesse tambem. Só teriam, nessa noite, pessoas conhecidas; Vitória e a mãe estavam convidadas egualmente.

Johannes parou de subito, e disse:

—Realmente, posso bem voltar para traz.

—Até á vista, e até terça-feira, respondeu-lhe Camila.

Richmond tomou-lhe a mão, apertando-lha efusivamente.

E o par juvenil, afastou-se sósinho e feliz.

XI

A mãe vestida de azul, estava na mais viva anciedade. Esperava, dum momento para o outro, ouvir do lado do jardim o sinal convencionado e não havia meio emquanto o marido estivesse em casa.

Ah! esse marido de quarenta anos e calvo! Que pensamento lugubre podia torná-lo tão pálido nessa noite, e imobilizá-lo ali, na sua poltrona, com o olhar inexoravelmente fixo num jornal?

Cada minuto era atroz. Tinham dado já onze horas. Há muito tempo que as creanças estavam deitadas, mas o marido não se ia embora. E depois—se o sinal resoasse, se a porta se abrisse com a ajuda da pequenina chave, e se os dois homens se encontrassem, achando-se face a face, olhos nos olhos... E nem ousava concluir o pensamento.

Refugiando-se no ponto mais sombrio do salão e estorcendo as mãos, pronunciava emfim, num tom desprendido:

—São onze horas. Se tens realmente intenção de ir ao club, não deves guardar para mais tarde.

O maldito empalideceu mais ainda e bruscamente deixou o salão e saiu.

Deante do jardim pára, ouvindo um assobio. Um passo estala na areia, uma chave entra na fechadura; pouco depois vêem-se duas sombras nas cortinas do salão.

O sinal já o conhecia; o passo ia e as duas sombras na cortina, tudo lhe era conhecido.

As janelas do club estão iluminadas, mas não entra. Durante dois infinitos quartos de hora calca o passeio, passando e tornando a passar deante do jardim.

—Esperemos ainda, disse comsigo, e espera mais um quarto de hora.

Depois entra no jardim, sóbe a escada e bate á sua própria porta.

(Continua)

DAMIÃO & C.TA 57, Rua Garrett, 59

E' quem melhor veste as crianças

NO ESTRANGEIRO

Á VERDE ERIN

VÃO RECOMEÇAR AS HOSTILIDADES ENTRE A IRLANDA E A INGLATERRA?

De Valera não deseja voltar a Londres com receio de uma emboscada — Os irlandeses têm a colaboração dos operarios

Os chefes irlandeses, depois de conferenciarem em Londres com Lloyd George, foram á Irlanda trocar impressões com outras personalidades importantes e sondar, como era natural, o espirito do povo. Logo que, depois do conhecimento das propostas do governo britanico, foi possivel compará-las com as declarações do «presidente» De Valera, um grande scepticismo dominou ácerca do bom resultado das negociações.

De Valera tinha dito: «Poderemos abandonar o nome de republica independente, mas só por um equivalente». E, alêm disso, declarara que poderia aceitar o regulamento da Africa do Sul, com algumas alterações, favoraveis é claro, em virtude da proximidade territorial da Gran-Bretanha, bem especificadas, para que «o mundo pudesse ser testemunha das questões que possivelmente surgiriam de futuro».

Lloyd George ofereceu um regulamento igual ao da Africa do Sul só no nome, pois até os portos irlandeses ficavam sendo propriedade do Estado britanico, que punha o comercio e a industria irlandesas na absoluta dependencia da Inglaterra.

Diante destas propostas, De Valera quiz mostrar á Irlanda quanta razão lhe assistiria, repelindo-as. Das ultimas noticias pode inferir-se que elas não foram aceitas e que, salvo a intervenção de alguem influente, as hostilidades entre as duas nações vão prosseguir.

O facto de ser O'Brien e não De Valera quem vai levar a resposta dos «sinnfeinners» a Londres é bem significativo; com efeito, se a resposta fosse uma reconciliação, não lhe daria muito mais solenidade e autoridade ser o proprio presidente quem a firmasse? Nem mesmo de outra forma poderia ser. Se a Irlanda mandasse uma contra-proposta presumivelmente viavel, ninguem melhor de que De Valera estava nos casos de a apresentar e defender.

As noticias chegadas, porêm, dizem que será O'Brien quem levará a resposta. De Valera não quere estar em terra inimiga quando recomeçar a luta; tem bastantes razões para desconfiar de que se não fosse preso oficialmente, o que é muito duvidoso, seria muito naturalmente vitima duma emboscada de alguns conservadores exaltados, o que comprometeria seriamente o problema irlandês.

No congresso dos trabalhadores irlandeses disse De Valera:

«A causa da Irlanda nunca chegaria onde está, sem o esfôrço dos trabalhadores».

O presidente do congresso afirmou:

—Se os representantes da Irlanda entenderem que devem repelir os oferecimentos britanicos, podem contar com a colaboração dos operarios, aconteça o que acontecer.

E' significativa esta afirmação diante do proprio De Valera. Entretanto, o general Smuts, que foi a alma da tentativa de paz, resolveu não partir para a Africa do Sul sem deixar o problema resolvido. Será a sua autoridade suficiente para obrigar Lloyd George a inclinar-se?

Porque é bem evidente que a Irlanda não cederá já agora, sem obter «de facto» a independencia. O nome virá depois.

GOTA

Tratamento hidro-mineral — Lamas radio-activas—Mecanoterapia

ESTORIL — TERMAS

AINDA O CONGRESSO DE LILLE

"POR AGORA—DISSE MERRHEIM AOS OPERARIOS—APENAS PODEIS SER GOVERNADOS"

Os socialistas perdem terreno — A scisão entre maioritarios e minoritarios é um facto?

Depois de alguns dias de debates estereis, o congresso de Lille definiu-se e a divergencia de opiniões entre os partidarios da Internacional de Moscou e da Internacional de Amsterdam cava-se cada vez mais profunda.

Uns e outros expuseram claramente a sua orientação e resulta que a guerra movida pelos extremistas á C. G. T. não provém da orientação pacifica desta, mas de pretenção de ir ocupar a direcção dos trabalhos socialistas; as acusações que lhe faz são unicamente um meio de ataque.

E' este espectaculo de lutas oferecido pelos socialistas aos trabalhadores que lhes aliena as simpatias e faz perder muitos partidarios. Entretanto, é interessante definir a orientação tomada pelo partido moderado dos socialistas, definida no discurso de Merrhelim, que foi calorosamente aplaudido pelos maioritarios e que se resume no seguinte:

O regime bolchevista é o regime do assassinato dum povo.

Merrheim apresentou-se na tribuna com documentos e a sua exposição foi metodica e energica, empregando umas vezes o raciocinio serio e profundo, outras vezes ironico, mas não menos profundo.

Durante a sua argumentação, os extremistas apenas puderam gritar frases ocas e destituidas de senso para não ficarem calados e mostrarem que se curvavam diante da rasão.

Merrheim disse que as reivindicações que hoje faz a classe operaria só devem ser concedidas lentamente, á medida que puder urar convenientemente delas. Entregar o governo nas mãos dos ignorantes é repetir o que se passou na Russia.

O movimento do proletariado é análogo ao movimento dos congressos, principiado na Idade Media com as comunas, e proseguindo lentamente, á medida que as suas forças de capital e intelectuais aumentavam. E' este o unico caminho que os trabalhadores podem seguir para vencer. «Por agora, disse, apenas podeis ser governados».

Defende o sistema capitalista contra os minoritarios que, exactamente como na Russia, só aceitam dois factores: o produtor e o tecnico.

—Ah! disse Merrheim, dão-me vontade de ser os que atacam o capitalismo agora que a propria Russia o chama em seu auxilio para conseguir salvar-se!

—O que os maioritarios não querem, disse outro orador, é que a carne dos trabalhadores, ontem carne para canhões, sirva hoje de experiencia revolucionaria para o triunfo de etalismo.

A situação actual define-se assim:

«A scisão, conquanto não seja proclamada entre maioritarios e minoritarios, é um facto».

Os maioritarios continuam lutando pela Internacional de Amsterdam, preferindo uma evolução segura a uma revolução semelhante á russa, os minoritarios querem entrar para a Internacional de Moscou, mas só quanto esta reconhecer a autonomia sindical.

No entanto a maioria da votação por Amsterdam é só de 247 votos.

Por Amsterdam............. 1572 votos
» Moscou................. 1325 »

A maioria dos partidarios da evolução diminue; talvez que os acontecimentos de hoje da Russia sejam uma lição aos extremistas.

DE LONDRES

A iminencia de uma nova greve?

Os mineiros estão descontentes e a Federação já tem plenos poderes para declarar a greve

(Serviço especial para o «Diario de Lisboa»)

LONDRES, 4.—O arbitro nomeado para resolver se se deviam fazer pagamentos de desempregados aos mineiros que tinham tomado parte na greve, foi de opinião que aqueles não deviam gosar deste beneficio. Em virtude desta resolução, a União dos trabalhadores de transportes deu á federação plenos poderes para declarar a greve sem votação. A União dos maritimos e dos fogueiros comunicou que considerava terminada desde já a sua filiação na União.—(U. P.)

A proxima reunião da Liga das Nações

A Inglaterra será representada por lord Balfour e Fisher

LONDRES, 4.—A Inglaterra será representada na proxima assembleia da liga das nações por Balfour, Fisher e um outro delegado, que ainda não foi nomeado.—(U. P.)

O embaixador americano será um simples espectador

LONDRES, 4.—O embaixador americano assistirá ás sessões do conselho supremo apenas como observador da marcha das questões, sem emitir opiniões e sem votar.—(U. P.)

Uma comissão para aconselhar o ministro das Finanças

Sir Eric Geeds será o presidente

LONDRES, 4.—Lloyd George decidiu nomear uma comissão composta de homens de negocios para o aconselhar em questões de finanças, da qual sir Eric Geeds será nomeado presidente quando abandonar o ministerio dos transportes.—(U. P.)

O serviço de aviação

Continuará nas bases em que está constituido, até nova ordem

LONDRES, 4.—Os primeiros ministros do imperio britanico decidiram que continue o serviço de aviação nas bases em que está constituido, até que os parlamentos imperiais emitam opinião sobre este assunto.—(U. P.)

DEPOIS DO PLEBISCITO

CONTINÚA NA ORDEM DO DIA O INTRINCADO PROBLEMA DA ALTA SILESIA

A Inglaterra deseja que seja concedida a maior parte do territorio á Alemanha—As simpatias da França vão para a Polonia

Depois de mais uma vez a França e a Inglaterra terem discutido o problema da Alta Silesia, e se terem mostrado renitentes nos respectivos pontos de vista, os jornais tornam a dizer que as duas potencias estão de acordo, que a amizade entre a França e a Inglaterra é inquebrantavel, e Lloyd George faz declarações ácêrca dos perigos que resultariam duma nova guerra.

Repetição. E' o que vem sucedendo desde que o plebiscito deu a maioria á Alemanha. Como o plebiscito foi favoravel a esta, os aliados não se atrevem a cumpri-lo; no caso contrario, não haveria discussão possivel e a Alta Silesia iria integra para a Polonia.

Comquanto os jornais digam que o acordo está estabelecido, é de crer que no conselho supremo surgirão ainda dificuldades, pois, a despeito de todas as questões e dos cumprimentos que teem seguido cada uma delas, os ingleses manteem o ponto de vista de que á Alemanha deve ser concedida a maior parte do territorio, pois assim manda o plebiscito, e os franceses tambem não abandonam o seu, de que é um perigo conceder á Alemanha as ricas regiões mineiras da Alta Silesia.

A reunião do conselho supremo está marcada para o dia 8 deste mês; o governo alemão fez saber aos subditos da Alta Silesia que era da maior conveniencia manterem-se tranquilos.

Nesta questão, em que os dois pontos de vista não se aproximam, digam o que disserem, e em que provavelmente se não chegará a uma unanimidade de vistas, é interessante verificar que ambas as partes dizem que a sua opinião tem a sanção do tratado de Versailles.

Tudo que havia a dizer sobre o assunto deve estar dito. Resta ver se o conselho supremo conseguirá harmonizar as opiniões e manter a paz ou se da sua decisão se levantarão tumultos (uma guerra, quem sabe?) de maior importancia que todos os que tão debatido problema já levantou.

DE NEW-YORK

A nova tarifa alfandegaria

Diminue a importação de manteiga, batata e farinha de trigo, automoveis e maquinismos

(Serviço especial para o «Diario de Lisboa)

NEW-YORK, 4

Os primeiros resultados da aplicação da nova tarifa alfandegaria mostram uma sensivel diminuição na importação de manteiga, batatas e farinha de trigo do Canadá, e uma diminuição de muitos milhões de «dollars» na exportação de maquinismos e automoveis.—(U. P.)

Um horario para os membros do Congresso?

Os parlamentares que se ausentassem da sala das sessões, sem motivo justificado, seriam multados

NEW-YORK, 4

Tem dado motivo a varios comentarios ironicos o projecto apresentado por J. Kisel, na Camara dos Deputados, pretendendo estabelecer um horario rigoroso para os membros do Congresso e multas para aquelês que se ausentem da sala das sessões sem motivo justificado.—(U. P.)

O PARLAMENTO PELO TELEFONE

O sr. ministro da guerra declara-se habilitado a responder á interpelação sobre o caso dos oficiais milicianos

A ordem do dia

Ordem do dia para hoje: 1.ª parte: Eleição de comissões. 2.ª parte: Prosseguimento da discussão das propostas sobre concessão de creditos ás caixas de credito agricola, e sobre a extinção dos armazens alfandegarios, nos pontos onde entrem vinhos considerados licorosos.

O que pensam os parlamentares das propostas das finanças

As providencias financeiras ontem propostas pelo sr. Tomé de Barros Queiroz, são o assunto dominante das mais animadas cnversas nos Passos Perdidos. E se os liberais as defendem com calor, as oposições tambem não as condenam, limitando-se a negar ao governo energia bastante para as levar a efeito, se as camaras lhes derem a sua aprovação.

Os deputados monarquicos devem falar livremente

E' curioso! Até mesmo aqueles que ontem mais se salientaram nos ápartes que repetidamente cortaram os discursos dos deputados monarquicos, louvam hoje a maneira desassombrada como o sr. João Camoesas assinalou o direito que áqueles parlamentares assiste de se pronunciarem livremente e sem coacções sobre qualquer assunto.

O sr. ministro da guerra e os milicianos

E' certo que o sr. ministro da Guerra já se declarou habilitado a responder ás interpelações que, a proposito dos castigós aos oficiais milicianos, lhé foram feitas por dois deputados. Porém, esse debate não terá lugar antes da proxima segunda-feira.

O aceio no Parlamento

Registamos com prazer que foi tomado em conta o nosso protesto contra a falta de aceio na sala das sessões. Agora cabe aqui dizer, que a culpa não era do pessoal. Era da falta dele.

Numero reduzido

Meia hora depois daquela a que devem começar os trabalhos encontram-se na sala apenas 12 deputados, alguns dos quais exteriorisam o seu desagrado pela falta da comparencia dos retardatarios.

—Isto começa com maus costumes—comenta o sr. Pinto da Fonseca.

A chamada

A chamada principia ás 14,15, respondendo muito menos legisladores do que seria natural, a semelhante hora.

Do governo, ninguem. A' hora a que telefono está a ler-se o expediente, que é numeroso.

A CRISE VINICOLA

Os nossos vinhos podem ser exportados para o Canadá

A Direcção Geral do Comercio Agricola pede-nos a publicação da seguinte nota:

Segundo um relatorio do Consul de Portugal em Montreal, a situação do mercado de vinhos em Quebec, é a seguinte:

Na provincia de Quebec, o governo compra toda a qualidade de vinhos pedida pelos negociantes, por intermedio da casa Savard-Purchasing Commissioner, 59 Notre Dame Street-East Montreal (Canadá). O governo provincial, cuja séde é em Quebec, está na intenção de criar estabelecimentos de compra em Portugal e Espanha, funcionando já, segundo diz o mesmo funcionario, uma casa em França a qual, se der os resultados desejados, animará a que se criem outras. Na Italia está-se procurando estabelecer uma secção de compras, que poderá ser obtida em Portugal por intermedio do Consul em Montreal e do governo portugues. O «whiski» está sendo cotado por elevado preço, o que dá em resultado uma maior procura de vinhos, que estão sendo largamente importados de França. O referido funcionario recomenda que os exportadores portugueses se ponham em contacto em as secções de compra (Purchansing Departments) estabelecidas em Quebec e em Montreal.

Ultimas Noticias

O DIA PARLAMENTAR

Impressões "á la minute" — A questão dos funcionarios publicos — Palavras do chefe do Governo

O sr. ministro do interior é o primeiro ministro a chegar ao banco azul. Vem á paisana. Tudo indica, até a sua apresentação, estar disposto a responder ás interpelações sem empregar... a farda.

Um pormenor: Nos Passos Perdidos, á entrada, modestamente encostado a uma coluna, talvez á espera do sr. ministro da instrução, está o escritor sr. Sousa Costa, que é com certeza a pessoa mais alta de Lisboa. Encostado a uma coluna, dissemos. Melhor: a coluna encostada a ele.

O sr. Vasco Borges fala, ás 15 e 50, contra a legislação promulgada pelo ministerio das colonias. Chama-lhe «picaresca». Claro, picarescamente a camara ri.

O sr. Jorge Nunes teve ocasião das 15 e 5 até ás 15 e 35 de bradar exactamente vinte e uma vezes:

— Peço a atenção da camara.

Deve ser castigo. O sr. Jorge Nunes, quando simples deputado era dos mais desinquietos e conservadores membros do legislativo.

Uma das coisas mais interessantes, se não a unica interessante da sala, é a presença, na galeria reservada da direita, de um gracioso par, que tudo indica ser de noivos. Em boa verdade, a camara, que é noiva tambem, está tendo um interesse muito mais secundario.

O sr. Calem Junior, do Porto, está pedindo um subsidio para a Misericordia daquela cidade, cuja historia faz. Mas conversa-se. Vai dahi, o sr. Jorge Nunes mais uma vez:

—Por misericordia... Peço a atenção da camara...

16 horas. Chega o sr. presidente do ministerio. Gravata verde, sem alfinete. Falamos-lhe:

—O que temos hoje?

—Nada. Isto não é nenhuma fabrica.

—Qual é a primeira proposta a discutir-se?

—Se as comissões ma derem, a dos funcionarios.

—Foi mal recebida?

—Não creio. Há más vontades, eis tudo. Mas é preciso faze-la. Não prejudico ninguem...

—Como...

—Os que ficarem serão aumentados, talvez em 20 e tantos por cento na subvenção.

—Vai muita gente para a rua?

—Claro, como deve ter visto.

—Os conservadores estão contra esse imposto?

—Não sei. Talvez. Mas afirmo que é justo, necessario, indispensavel esse imposto. Falou você em conservadores. Mas os conservadores defendem ou defenderam este govêrno alguma vez?

—Vê viabilidade na passagem do projecto?

—Quero vê-lo discutido.

—Como está, que aumento de receita deve dar?

Hesitou.

—Digo só que sobe a algumas dezenas de milhar de contos. O imposto é feito sem violencias e com o maior sentimento de justiça.

—O govêrno mantem-se como está?

—Sim, creio.

—O sr. general Silveira?

—Tem argumentos para se defender. E' um caso de moralidade para o exercito, este que o governo põe. A questão dos milicianos é um pretexto.

—Mas o exercito...

—Está com o ministro da guerra, afirmo.

—Mas se este sr. ministro se demitisse, iam alguns ministros com ele?

—Talvez. E' possivel.

—Prevê muita discussão aos seus projectos?

—Quero-a. Desejo-a. Os jornais devem agitá-la, ouvir pessoas, atacá-la com justiça, defendê-la no que tem de justo.

—Muito obrigado a v. ex.ª.

—Passe você bem.

—P'ra rua, não; ninguem. Não exageremos os termos. Os que forem julgados dispensaveis ficarão com a subvenção no primeiro ano e com o vencimento de categoria. E' uma reforma antecipada. Para muitos é bom.

—Mas são muitos?

—Creio que sim. Só pela agricultura 335 nomes.

—E' grande a economia para o Estado?

—Por agora pequena, mas grande será, de futuro. Enorme.

—Como se realiza a reforma?

—Por uma grande comissão, que conto nomear, e que unificará todo o trabalho, com sub-comissões por todos os ministerios. Temos dificuldades de nomes; é dificil indicá-los com acerto.

—Que proposta se seguirá a essa?

—A do imposto de rendimento..

—Proporcional, claro..

—Porque motivo demora tanto a validação ou anulação do acto eleitoral em Aveiro?

—E' que anda por lá o Manuel Alegre, que tem agitado, junto das comissões de verificação, certas rasões de peso...

Deputados monarquicos já verificados e confirmados: Carvalho da Silva e Ruy Ulrich, Mario de Aguiar e Hintze Ribeiro. O segundo tem que desaparecer porque era inelegivel, na ocasião do acto eleitoral. As eleições dos srs. Antonio Osorio e Aires de Ornelas, são problematicas. O sr. Ruy de Andrade, fusilado sob o pretexto de não ter apresentado a sua carta de eleitor, quando da sua declaração de candidatura. Esta razão não colhe, porque, como um grande numero de candidatos, não foi ele, mas sim vinte e cinco legitimos eleitores que tal fizeram, em harmonia com a lei.

A posse do novo Comissario Geral da Policia

Realizou-se esta tarde, tendo sido muito concorrida

Pelas 15 horas de hoje tomou posse do lugar de Comissario Geral da Policia de Segurança Publica, o sr. major Esmeraldo, que desde ha dias vinha já exercendo aquele cargo por motivos urgentes de serviço.

O acto realizou-se no gabinete do sr. governador civil, sendo muito concorrido pela oficialidade ao serviço daquela policia, chefes de todas as repartições do governo civil, director da policia de investigação criminal, adjuntos e varios agentes, director da policia de Segurança do Estado, alguns chefes de policia, varios oficiais de diferentes armas e todo o pessoal do gabinete do sr. governador civil.

A posse foi-lhe dada pelo chefe do distrito, que num breve discurso poz em relevo as qualidades de patriotismo do novo comissarlo geral, lamentando ao mesmo tempo a saída do sr. tenente coronel Patacho, ex-comissario geral, a quem rende as mais francas homenagens.

Crê que a policia entrará numa nova fase de disciplina, oferecendo ao novo comissario todo o seu apôio nesse sentido.

Em seguida agradece o major sr. Esmeraldo que afirma fazer cumprir sempre a lei e manter a ordem e disciplina, afastando por completo a politica da corporação que vai comandar.

Fala depois o sr. dr. Reis Junior, director da policia de investigação criminal, que se refere a umas pequenas arestas existentes entre a policia de investigação e a de segurança publica, arestas que é preciso limar para que possam cooperar como convem áquelas duas policias.

Novamente entra no uso da palavra o sr. major Esmeraldo que, respondendo ao sr. dr. Reis Junior, declara estar disposto a aplanar todas as dificuldades que, dizem, existem entre essas corporações.

Em seguida foi assinado o auto da posse.

DE ESPANHA

O general Cavalcanti discursa aos habitantes de Melilla

A Espanha tem os olhos postos no seu exercito e na sua marinha

MADRID, 4.

Dizem de Melilla que o general Cavalcanti fez um discurso aos habitantes, em que disse que seguirá as pisadas do alto comissario que soube marcar o territorio de Melilla como baluarte da influencia espanhola. E' impossivel que esta formosa cidade, cujo adiantamento moral e material causa a admiração dos estrangeiros, seja detida na sua marcha progressiva. A patria nunca o consentiria ainda que fosse necessario arrasá-la desde os seus seculares alicerces. O general acrescentou que confiava no exercito e na marinha, e que nas costas espanholas se seguiam ansiosamente as peripecias desta luta, unidos todos pelo coração com fé nos destinos de Espanha.—(R.).

As ultimas noticias sobre a situação de Marrocos são mais animadoras

LONDRES, 4.

O correspondente do «Times» em Madrid, diz que as ultimas noticias sobre a situação de Marrocos são mais animadoras e que a Espanha está decidida a enviar para a Africa todos os homens e todo o dinheiro necessarios para completamente pacificar aquela região. O rei ouvirá a opinião de todos os dirigentes politicos antes de tomar resoluções definitivas.—(R.).

O vapor "Donata" é recebido calorosamente em Bilbau

CADIZ, 4.

Chegou o vapor «Donato» de Bilbau, com tropas para Marrocos, tendo sido calorosamente recebido por um grande concurso de povo, em que se viam muitas senhoras. Partiu como voluntario do regimento do rei, o sr. Francisco Borges, filho do governador civil, que teve uma entusiastica despedida.—(R.).

O governo espanhol não pretende declarar o estado de guerra

MADRID, 4.

Por estar doente Allendesalazar, reuniu-se o conselho de ministros em casa do presidente do conselho. O ministro do Interior negou que o governo pretendesse declarar o estado de guerra em Espanha, contrariamente aos boatos que tinham corrido, espalhados por um jornal.—(R.).

Venizellos vai casar

LONDRES, 4.

O sr. Venizelos, ex-presidente do conselho da Grecia, vai casar com madame Schiliczi, rica viuva grega, no proximo mez de Setembro.—(R.).

Liberdade de importação de farinha no Funchal

Os parlamentares pelo Funchal srs. dr. José Varela e capitão Sousa Brasão conferenciaram hontem e hoje, largamente, com o sr. ministro da agricultura, sobre a livre importação de farinha naquele distrito, ficando assente que, logo que seja aprovada pelo parlamento a nova lei do regime cerealifero, se decrete a referida medida.

Bolsa de Lisboa

Dia 4

CAMBIOS

	Comprador	Vendador
Libra sterlina	41$00	43$00
s|Londres cheque	7	6 3|4
» 90 d. v.	7 1|8	—
Rio s|Londres	8 1|8	—
s| Paris	732	757
s| Italia	400	420
s| Belgica	705	730
s| Suissa	1530	1620
s| Espanha	1224	1250
s| Berlim	116	120
s| Holanda	2940	3000
s| Nova York	9500	9800
Rio Brasil	—	—
T. Desc. Banco de Inglaterra	5 1|2	—
» » » Portugal	7 1|2	—
Agio do ouro	610	705